

LÁGRIMAS MISTERIOSAS*

Maria Vitoria Bittencourt

Psicanalista, membro AME da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano, professora do Colégio Clinique psychanalytique de Paris e membro do Colegiado de Formações clínicas do Campo lacaniano – Rio de Janeiro

E-mail: mariavitoriabittencourt@gmail.com

Resumo: Através de um caso de uma paciente que sofre de uma afecção orgânica, tentamos primeiramente discutir um diagnóstico diferencial com o fenômeno psicossomático. Em seguida, esse caso clínico vem ilustrar a questão de um signo – as lágrimas – “milagres do corpo” segundo Lacan, como a manifestação da divisão do sujeito. A partir dessa noção, tentaremos responder à pergunta dessa mulher: porque será que é o corpo que fala?

Palavras-chave: caso clínico; afecção orgânica; divisão do sujeito; lágrimas; pulsão e corpo falante.

Abstract: By a study of a clinical case of a patient that suffers of an organic condition, we will try to discuss the differential diagnosis of a psychosomatic phenomenon. Then, this case may illustrate the question of a sign – the tears – that Lacan defines as “miracles of the body”, a manifestation of the subject’s division. With this notion, we will try to answer the question of this woman: Why is the body that speaks?

Keywords: Clinical case; organic condition; division of the subject; tears; drive and talking body.

Uma mulher me pergunta, aos prantos: “Porque meu corpo fala?”. Essa questão é dirigida ao analista com muita angústia, pois ela não consegue aceitar o que lhe aconteceu: uma afecção orgânica que atingiu seu rosto de forma intensa. Uma doença autoimune da pele, muito rara, cuja causa é desconhecida na medicina, que atribui a causa do desencadeamento a um estado de *stress* elevado.

Num primeiro tempo, pensei que se tratava de um fenômeno psicossomático pelo fato de essa afecção remeter ao real do corpo e não ao corpo simbólico. Uma doença

* Texto apresentado no IV Encontro do IF e da EPFCL sobre “O mistério do corpo falante”, Roma, julho de 2010.

da qual é antes submetida, sujeitada, mais do que subjetivada do fato de sua queixa ser inesgotável, acompanhada da pobreza de seu discurso. Essa mulher só falava dessa “coisa anormal” que lhe ocorreu. Com efeito, seu relato se resume a uma lista de pomadas onde o valor das marcas e das doses têm um lugar privilegiado. É bom observar que toda essa classificação, uma espécie de contagem precisa, contrasta com a confusão em torno das datas que pontuam sua história, à qual ela que não dá nenhuma importância. Isso não conta para ela.

Essas doenças automimunes são frequentes no fenômeno psicossomático. São definidas como uma propriedade do organismo de ser refratário a certos agentes patogênicos, que produzem anticorpos contra seus próprios constituintes. Em suma, uma falta de defesa.

Assim, para essa mulher, a doença permanece um enigma, isso não faz sentido, o que a deixa ligada a um relato queixoso tal como o sujeito deprimido. Será que se trata do significante gelado do fenômeno psicossomático, num corpo condicionado, como Lacan indica na “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (LACAN, 1975/1985)? Esse fenômeno supõe a existência de uma lesão verdadeira, que resiste à interpretação, não podendo se constituir como um sintoma. Seria um dos mistérios do corpo escrevente, que não é para ser lido, pois “O corpo se deixa escrever algo que é da ordem do número” (op. cit.), um modo de ciframento que não passa pela significantização da letra e do desejo mais que fica do lado do número, como uma contagem do gozo (VALAS, 1998). Nesse caso, a queixa não comporta uma interrogação que poderia abrir a uma dimensão simbólica.

No entanto, mesmo assim, existe um outro elemento sempre presente no seu relato. Ela se exprime através das lágrimas, uma cortina de lágrimas, uma manifestação frequente nas mulheres.

Essa expressão – cortina de lágrimas – se encontra num romance de Albert Camus, “O estrangeiro”: “Os olhos estavam cegos atrás dessa cortina de lágrimas” (CAMUS, 1957, p. 90), lágrimas provocadas pelo mesmo sol que aquele do dia que enterrou sua mãe, sem chorar, cuja cegueira o leva ao crime (...) e “produz a desgraça” (op. cit.)? O escritor evoca a função das lágrimas de impedir de ver – a cegueira.

As lágrimas traduzem muitas vezes um estado de tristeza e de dor, que encontramos frequentemente na clínica da dita depressão. Mas elas podem também aparecer em outras circunstâncias: alegria, riso e gozo. Em diversas culturas, as carpideiras são muitas vezes chamadas para chorar os mortos, as profissionais das lágrimas. Segundo

os biólogos, as lágrimas podem ter uma função útil de aliviar as tensões e também um papel protetor do olho, facilitando a evacuação de um corpo estrangeiro. Sem esquecer as lágrimas de crocodilo, derramadas no momento em que ele devora sua presa. As expressões em torno das lágrimas são numerosas e as metáforas são bem “falantes”.

No que diz respeito a Lacan, ele evoca as lágrimas como um dos “milagres do corpo”, pois, “se as lágrimas parassem de escorrer, o olho não funcionaria mais muito bem” (LACAN, 1975, p. 99). Podemos notar que não se trata de mistério do corpo falante, mas dos milagres do corpo. O termo milagre vem do latim *mirare*, olhar com atenção e se espantar. Mas, com o latim eclesiástico, se torna uma noção religiosa que remete a uma coisa prodigiosa, um fato sobrenatural devido à intervenção divina, não explicado pela ciência. Poderíamos dizer que é um acontecimento (LACAN, 2001, p. 569) do corpo, como Lacan define o sintoma? Não deixa de evocar um fato notável.

Pois, nessa mesma citação, Lacan acrescenta: “é um fato que isso choraminga (a glândula lacrimal) e por que diabo – uma vez que corporalmente, imaginariamente ou simbolicamente, (...) alguém pisa no pé de vocês. Chamam a isso afetá-los” (LACAN, 1975, p. 99). Notamos que aqui o real é substituído pelo corpo, numa equivalência dessas três dimensões. E Lacan continua ao afirmar que o choramingo tem a ver com o fato de “barrar-se” – “o sujeito se barra”. Temos aqui uma indicação de Lacan da divisão do sujeito choramingão. Aliás, podemos chamar atenção para o fato de que Lacan não utiliza o verbo chorar, mas choramingar. A etimologia desse verbo se deve a um reforço expressivo do chorar, acentuando assim o lado semblante e calculador. Então, choramingar se distingue de chorar, pois comporta um cálculo do sujeito no seu laço ao Outro.¹

Do que se trata justamente quanto à divisão dessa mulher? Com efeito, a doença vivida como um episódio traumático desencadeou nela um fenômeno ressentido como uma despersonalização, levando-a a perder sua identidade, aquela de filha normal e sensata numa família que, inversamente, ela destaca certa fragilidade. No entanto, aqui se trata antes de uma dessubjetivação, uma manifestação clínica própria ao aparecimento da divisão do sujeito. Uma vacilação de sua fantasia se produziu, deixando-a perplexa diante da perda de sua identificação fálica. Poderíamos deduzir disso que a afecção dessa mulher lhe “barrou” nos três registros: do lado do simbólico, desde sua infância, ela era chamada de filha normal, reconciliante, sua chegada ao mundo foi

1 Essa distinção entre chorar e choramingar foi sugerida por David Bernard.

marcada pela esperança de manter a união dos pais. Do ponto de vista imaginário, ela se queixa da modificação de sua imagem: emagrecimento, rosto modificado, cansaço e agressividade, imagem que constituía um ponto fundamental para seu ser. Finalmente, essa afecção orgânica da qual se queixa pode ser situada do lado do corpo-real.

Vamos retomar a questão das lágrimas. Se não podemos considerar as lágrimas como um sintoma, são um signo visível de um estado de desamparo, colocando o sujeito fora do estado de falar, ou melhor, protegendo-o de falar. Porém, enquanto signo, as lágrimas não deixam de se manifestar como um signo endereçado a alguém.

Foi justamente a partir de uma pontuação sobre esse signo que algo pôde ser enunciado de sua história. Com efeito, as lágrimas fazem parte da vida dessa mulher, apelidada de “chorona”. Ela evoca esse fato com um riso, o que demonstra o que Freud chamou de “um gozo ignorado do sujeito” (FREUD, 1985, p. 207). Sempre que é afetada por uma situação e se torna o centro dos olhares, as lágrimas fazem sua aparição, fazendo calar também seu interlocutor. Agora que as lágrimas se justificam mais concretamente, essa mulher pode se utilizar delas como uma arma muito eficaz para barrar o outro. No entanto, é preciso acrescentar a isso uma outra função das lágrimas, desta vez em relação ao Outro materno.

Na origem do desencadeamento da doença, vários acontecimentos familiares se sucederam efetivamente, até que a revelação de um segredo veio desmascarar o que tinha sido construído até então como Ideal: a mãe é uma mulher que goza. Essa descoberta foi avassaladora para ela, pois vem tocar um inominável, um gozo incestuoso que não consegue subjetivar. Justamente, a propósito de segredo, Lacan joga com as palavras da língua francesa para evocar a diversidade das explicações sobre o corpo: “quando o corpo é suposto pensar secreto, tem secreções” (LACAN, 1975, p. 100).

Assim, por trás das lágrimas protetoras, se impõe uma outra versão das lágrimas, o desejo de não ver o horror da castração materna. O que a faz chorar não é exatamente a perda do lugar de “filha preciosa”, mas a perda do objeto de sua admiração. Que sua mãe seja uma mulher faz com que se confronte com sua própria feminilidade. As queixas concernem sobretudo ao campo do Outro, um Outro faltoso e injusto que a remete à sua impotência de se sustentar numa posição ideal. Não é a perda de um objeto amado que a leva a chorar, mas a perda de seu brilho fálico. Seu estado depressivo é um efeito do buraco no Outro, irremediável, que leva o sujeito a remanejar suas identificações imaginárias, com as quais ela tenta obturar o que lhe falta.

Poderíamos pensar que, a partir do aparecimento repentino de uma doença orgânica, tenha se recolocado para essa mulher sua questão – que sou? –, onde a erotização do olhar não pode ser negligenciada, num prazer misturado de vergonha de se sentir olhada.

Mas, gostaria de voltar à questão da angústia – é seu corpo que fala e não pode aceitar isso. A angústia vem dessa disjunção entre o corpo e a palavra – é o Outro que fala –, amalgamado ao desespero de ser afligida de um corpo que não pode mais atingir a perfeição aspirada. Aqui o corpo se revela como estrangeiro, um *heteros* que opera uma efração de gozo, inassimilável para o sujeito. Mas, toda a questão então é saber o que leva um corpo a falar. Como um organismo vivo se torna um ser falante?

Segundo Freud, a vida psíquica se funda a partir da primeira experiência de satisfação. Essa experiência se acompanha da percepção de uma “pessoa experiente” (FREUD, 1986, p. 337), que responde ao grito causado pela carência vital do organismo do recém-nascido. Nesse momento, ocorre a primeira atividade subjetiva, um ato de pensamento que Freud chama de uma “modificação interna” (op. cit., p. 336), onde a criança adquire uma compreensão do fato de se fazer ouvir. Desta maneira, com a resposta ao grito, uma “pressão” (ibid.) (*Drang*), iniciada pelas necessidades vitais, que Freud chama “urgência da vida” (op. cit., p. 317), tem como resultado o gozo do corpo. Desde então, um “interesse cogitativo” (op. cit., p. 352) se funda, uma espécie de teoria do espírito que tem sua origem no “comércio da criança com a mãe (...) uma fonte contínua de excitação sexual e de satisfação das zonas erógenas (...)”. Freud continua: “a mãe faz um dom dos sentimentos de sua própria vida sexual à criança, a acaricia, abraça e a toma bem claramente como substituto integral de um objeto sexual” (FREUD, 1982, p. 176)².

Assim, podemos ver as premissas de um pensamento que se funda num organismo afetado pelo gozo. Como afirma Lacan, “se o homem não tivesse aquilo que se chama um corpo, não vou dizer que não pensaria, isso é bem claro” (LACAN, 1985, p. 7). “É sempre com a ajuda das palavras que o homem pensa. E é sempre do encontro dessas palavras com seu corpo que algo se desenha” (op. cit., p. 11). Gozar e falar caminham juntos, constituindo assim o que existe de mais humano no ser falante: a pulsão – “eco no corpo do fato que existe um dizer” (LACAN, 1995, p. 17). É por

2 N.B.: Nesse texto, Freud vai até evocar o orgasmo no ato de mamar (ibid., p. 74).

essa razão que o corpo fala. Existe a pulsão que transforma um organismo vivo num corpo que goza, um corpo pulsional que é um corpo de discurso, onde a palavra é o que ocupa o lugar.

Por enquanto, é isso ao qual essa mulher se dedica: não ver e não saber que, falando ou chorando, é o corpo que goza. Toda a questão é fazer com que essas lágrimas falem, esses milagres do corpo que, enquanto secreções, revelam que existe um pensar secretamente...

Referências

- CAMUS, A. (1957). *L'étranger*. Paris: Gallimard, 1957.
- FREUD, S. (1982). *Trois essais sur la sexualité*. Paris: Gallimard, 1982.
- _____(1985). Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle. In: *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1985.
- _____(1986). Esquisse d'une psychologie scientifique. In: *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1986.
- LACAN, J. (1975). Conférence à Genève sur le symptôme. In: *Bloc Notes de psychanalyse* n. 5. Paris: Gallimard, 1985.
- _____(1975). Le Séminaire livre XX, *Encore*. Paris: Seuil, 1975.
- _____(1975). Le Séminaire livre XXIII, *Le sinthome*. Paris: Seuil, 1995.
- _____(1985). Conférence à Genève sur le symptôme. In: *Bloc Notes de psychanalyse* n. 5, p. 7. Paris: Gallimard, 1985.
- _____(2001). Joyce le symptôme. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- VALAS, P. (1998). La psychosomatique: fétiche pur les ignorants. In: *Essaim* n. 2, Incidences cliniques. Paris: Eres, 1998. Cf. site www.valas.fr.

Recebido em 24/12/2011; Aprovado em 5/2/2012.